



MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE: RESSIGNIFICANDO AS VIOLÊNCIAS DE SUAS VIDAS¹

Kyrlia Dornelles Mendonça²

Rubia Cristiana Ferreira³

Orientadora: Lizete Dieguez Píber⁴

Resumo: O curso de Psicologia da URI, campus de Santo Ângelo desenvolve estágio de Práticas Sociais e Institucionais em Psicologia no Presídio Regional da cidade. As intervenções ocorrem com mulheres em situação de privação de liberdade. A metodologia proposta é de encontros grupais com periodicidade quinzenal. As mulheres dividem-se em dois grupos de 10. As reflexões focam nas vivências de violência que já experienciaram, antes e durante sua permanência na casa prisional. É perceptível a carência destas mulheres, do ponto de vista de suas relações afetivas e familiares, onde as grades não só as privam de contato com o mundo externo, como também, e acima de tudo, de exercer o papel materno. Durante os encontros evidencia-se também a correlação entre vulnerabilidade social e marginalidade, como se seus destinos lhes fossem impostos, e as tentativas de gerar renda para o sustento familiar, as encaminha, “naturalmente” para o crime e suas consequências.

Palavras-chave: Violência. Sistema-Prisional. Grupo-Mulheres.

¹ Artigo oriundo do estágio de Práticas Sociais e Institucionais em Psicologia do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santo Ângelo.

² Acadêmica do 8º semestre do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santo Ângelo. E-mail: kyrlia13@gmail.com.

³ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santo Ângelo. E-mail: rcrisferreira@hotmail.com.

⁴ Profa. Me. Orientadora do estágio do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus Santo Ângelo. E-mail: lizeted@san.uri.br.

Abstract: The Psychology graduation of URI, campus of Santo Ângelo, develops internship of social practices and Institutional in Psychology on Presidio Regional of the city. The interventions occur with womans in situation os deprivation of liberty. The methodology it's from group meetings biweekly. Her split up in two groups of 10 inmates. The Reflections focus on the experiences they have already experienced, before and during her permanence at prison. It's perceptible the deficiencie of her relationships affectives and with their family, the grids not only deprive them of the outside world, as also exercise maternity. During the meetings also evident the correlation between social vulnerability and marginality, as if their destinies were imposed on them, and the attempts to generate income for family support, forward them, "naturally" for crime and your consequences.

Keywords: Violence. Prison-System. Woman-Group.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho foi produzido a partir da experiência do estágio supervisionado da Ênfase AI – Práticas Sociais e Institucionais, do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI Campus de Santo Ângelo.

O estágio proporciona uma vivência articulando a teoria e a prática, o que complementa o processo ensino-aprendizagem, o mesmo está sendo realizado na Superintendência dos Serviços Penitenciários – Presídio Regional de Santo Ângelo, com mulheres privadas de liberdade.

Foram realizados dois grupos, que ocorreram quinzenalmente, já que o local era pequeno e havia alguns conflitos entre as celas. Então, cada semana, o grupo era realizado em uma das duas celas, alternando-se. O grupo não era obrigatório e, em decorrência disto, era rotativo, não tendo um número fixo de representantes.

Para a realização deste trabalho, foi fundamental conhecer o local e seu modo de funcionamento, sobre os sujeitos que ali estavam trancafiados, além de analisar a forma com que estes se relacionam. A partir disso foi possível incorporar-se à equipe e criar vínculos com a psicóloga e as mulheres privadas de liberdade, para então perceber as demandas e dar início ao planejamento das atividades e/ou intervenções a serem feitas.

Com o aumento da inserção de mulheres no mundo da criminalidade, ocorre, conseqüentemente, o envolvimento do gênero feminino em atividades

ligadas ao tráfico e furtos. Isso pode estar associado a fatores diversos, dentre eles, o envolvimento de algum familiar à rede de tráfico e, até mesmo, a falta de políticas públicas para que se alcancem estas famílias que passam por algum tipo de vulnerabilidade.

A configuração da prisão como espaço de encarceramento dos desviantes e punição de seus crimes tem ganhado espaço na concepção da sociedade moderna capitalista, além do espaço historicamente disciplinar do caráter da pena. Essa política de encarceramento em massa reflete, pois, as consequências de uma sociedade capitalista que marginaliza grande parte da população: enquanto, por um lado, acumula riqueza, por outro, miséria, incerteza, desesperança e violência.⁵

A maior parte das mulheres privadas de liberdade que compõe este presídio pertence a um grupo social de grande vulnerabilidade e as atividades ilícitas se tornam a principal forma de renda para o sustento familiar, já que grande parte destas mulheres são mães e devem prover renda.

A população carcerária feminina atingiu a marca de 42 mil mulheres privadas de liberdade em junho de 2016, aumentando 525% o índice de encarceramento de mulheres no Brasil, entre 2000 e 2016.⁶

PROJETO DE VIOLÊNCIA E VULNERABILIDADE

O projeto de Violência e Vulnerabilidade está sendo desenvolvido em parceria com diversas instituições sociais do município de Santo Ângelo, dentre elas o Presídio Regional.

Cada família tem suas próprias leis, códigos que definem os comportamentos possíveis dentro do sistema familiar e todos têm que seguir essa regra, e quando isso não acontece, acaba se tornando um fator de doença, e muitas vezes ocasionado a violência, sendo ela por parte dos pais contra seus filhos, dos filhos para com seus pais, marido contra a esposa e da esposa para com seu marido. A sociedade nos impõe regras, valores, nos dizem o que é certo ou errado, mas na maioria das vezes não conseguem dar suporte para que essas regras, valores sejam cumpridos e aceitos. No entanto,

⁵ CUNHA, E. L. *Ressocialização: o desafio da educação no sistema prisional feminino*. Campinas, 2010.

⁶ Levantamento nacional de informações penitenciárias INFOPEM mulheres – 2ª Edição / organização, Thandara Santos; colaboração, Marlene Inês da Rosa... [et al.], - Brasília: Ministério da justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

com o desenvolvimento do conceito de vulnerabilidade foi possível observar que existem outros fatores que interferem e, muitas vezes, determinam a atitude e a conduta das pessoas, ampliando ou diminuindo as situações de risco. Entre estes fatores estão: o acesso ou não à informação, escola, serviços, programas de saúde e condições de vida digna; e os códigos culturais sobre como se deve expressar à sexualidade de homens e mulheres.⁷

O grupo ocorre semanalmente, nas segundas-feiras, na 3ª DPR (Delegacia Penitenciária Regional) com sede em Santo Ângelo, trabalhando com as mulheres privadas de liberdade. O presídio em questão abrange toda a região Noroeste e Missões. Tendo como supervisora local a psicóloga da Instituição, que também participa ativamente dos grupos, este onde oferecemos a escuta, ministração de palestras, material de audiovisual e demais atividades que virão a surgir, oportunizando momentos de diálogo e questionamentos para esclarecimento das percepções em relação à violência.

O desenvolvimento de sentimento de grupo é atribuído às primeiras experiências em família e sustenta que existem dois mecanismos psicológicos básicos à união de um grupo: identificação e sublimação. É natural que com a formação de um grupo haja uma identificação em comum entre os componentes, esta identificação é o núcleo dos mecanismos psicológicos que formam a identidade grupal. Os membros se identificam com um ideal ou um líder, assumindo-o como um ideal de ego. Essa vinculação com o líder ou ideal é que permite que os membros do grupo passem a perceber ou adotar uma identidade entre si, uma identidade grupal. O outro (grupo, líder, ideal) é tomado como um ideal – no lugar de ideal de eu – e, portanto, existe um processo de sublimação.⁸

O grupo fora realizado em um espaço cedido pela diretora, onde este era sua própria sala, um local em que pudemos ter mais privacidade para a realização das atividades. Assim, as mulheres puderam se desprender de certas resistências e pudessem aderir às atividades de forma mais ambígua.

A instituição prisional é composta por 27 mulheres, que são divididas entre três celas que ficam no corredor da parte administrativa da penitenciária,

⁷ PIBER, L. D. et al. Projeto: *Violência e Vulnerabilidade*. Santo Ângelo. 2014.

⁸ FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego, 1921*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

uma destas celas é destinada às mulheres que cuidam da limpeza e do refeitório (está cela fica destrancada durante o dia) e 287 aprisionados, divididos por galerias “A, B e C” (dados de maio de 2019). Na galeria “A” existem 24 celas e na galeria “B”, 9; No pátio masculino, há alternância entre as galerias para ocupação pelos dias da semana. As janelas do local que está ocorrendo o grupo e as celas femininas dão para o pátio masculino. Já o feminino fica do outro lado, um local que segundo as mulheres “não tem banco para sentarem-se e está com o mato alto até o joelho”, isso veio à tona com o grupo e foi-se pensado em um projeto para melhora do pátio que fora enviado ao Juiz para que seja aprovada a execução.

Cerca de trinta e três servidores mantêm o local. Dentre eles, cinco professores do NEEJA, com aulas segundas, terças e quintas; sete funcionários por expediente, mais três a quatro agentes para cada plantão com um supervisor; duas psicólogas; e duas funcionárias administrativas. Alguns dias estão destinados aos funcionários que fazem horas extras, para que tenham a possibilidade de fazer reforço nos plantões.

Há duas salas de administrativo, dois alojamentos masculinos, um alojamento feminino, três salas de aulas, sala de triagem, sala da diretora (onde ocorrem os grupos) e sala do vice-diretor.

É considerado um local de aprisionamento com estigmatização dos indivíduos e exclusão social, sendo necessário repensar esse círculo vicioso, porquanto essas não são soluções para violência e delitos e, enquanto encarcerados, conseguem mais alianças criminosas, vivem em condições desumanas que tem o intuito de punir e não como forma de aprendizado para quando a mulher sair, enfrentar o mundo novamente, com carga de preconceito pelos antecedentes, não as oportunizando de uma nova oportunidade fora da criminalidade.

Diante das demandas que se identificam como doenças, dependência química, baixa escolaridade as ações de proteção que são desenvolvidas ainda assim continuam sendo mínima. A psicologia dentro desse espaço é de suma importância, servindo como suporte para aprender a trabalhar com as

dificuldades diárias, além de permitir que tenham a possibilidade de refletir sobre a reabilitação e reinserção social.

Visando entender o contexto do sistema prisional, suas falhas e suas qualidades, tentando assim, poder melhorar a qualidade da saúde mental das mulheres privadas de liberdade, sua autoestima e, suas relações pessoais e familiares. Entendemos que a violência sempre fez parte do cotidiano nosso cotidiano, é uma estratégia usada pela população para garantir sua sobrevivência, uma realidade que está presente na comunidade vulnerável diariamente, apresentando-se de diferentes maneiras, tornando-se um indício de uma sociedade “desestruturada socialmente”.

Nos dias de hoje é grande a probabilidade das pessoas assistirem diferentes manifestações de violência, mas como está tornando-se um ato do cotidiano, os indivíduos tendem a permanecer indiferentes, produzindo-se assim, de certa forma, a descriminalização das violências mais sutis, normalizando tal comportamento.

A violência é um problema social, mas não é objeto próprio de nenhum serviço específico, ela se torna um tema mais ligado à saúde por estar relacionada à qualidade de vida; pelas lesões físicas, psíquicas e morais que causa e pelas exigências de atenção e cuidados dos serviços médico-hospitalares e também, pela concepção ampliada do conceito de saúde.⁹

Existem várias formas de violência, a física, a psicológica, a patrimonial, a sexual, a discriminação, o bullying, a negligência, o abandono e podem ocorrer nas diferentes escamas da sociedade.

A violência é um fato universal, cravejado desde o nosso passado e tornado cultural, que envolvem todas as classes, crenças e culturas, com isso, ocorrendo em populações de diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social.

Entende-se violência doméstica como as variadas formas de violência interpessoal (agressão física, abuso sexual, abuso psicológico e negligência) que ocorrem dentro da família, sendo perpetradas por um agressor (possui

⁹ MINAYO, M. C. de S. *A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde*. Cadernos de Saúde Pública, 20, 3, 646-647. 2004.

laços de parentesco, familiares ou conjugais) em condições de superioridade (física, etária, social, psíquica e/ou hierárquicas).¹⁰

O presente trabalho justifica-se pela constatação de que o ambiente violento, muitas vezes reproduz a violência nos sujeitos considerados vulneráveis, passando assim a serem reprodutores de condutas agressivas e levando essa conduta adiante em diferentes ambientes.

Em trabalhos com grupos, a atuação do psicólogo caracteriza-se em manter o foco na fala do grupo, apoiar os participantes que se sentem embaraçados, mediar conflitos e assegurar o cumprimento das regras estabelecidas, bem como, promover sentimentos positivos que venham a auxiliar em seus processos interpessoais e interpessoais através de seus comportamentos e reações, facilitando a tomada de decisão e certo controle sobre os medos e ansiedades que porventura possam surgir na dinâmica grupal. Desse modo, o psicólogo enquanto facilitador grupal deve ater-se a uma postura criativa, coerente com o grupo, flexível, espontânea, de modo a facilitar a interação de seus membros. Tal postura adquire-se através de um profundo contato com o aporte teórico de terapias de grupo, e também através das vivências grupais, as quais são ricas fontes de experiência e aprendizado.¹¹

O objetivo geral deste projeto é oportunizar espaço de reflexão para as mulheres sobre a situação de encarceramento e as diversas violências que já vivenciaram.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Violência deriva do Latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “violação” (violare). Em se tratando de direitos humanos, abrange todos os atos de violação de direitos civis, sociais, econômicos, culturais e políticos.

¹⁰ DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; SILVA, C. M. *Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(1): 129-137, jan-mar, 2000.

¹¹ MOLITERNO, I.M. et al. *A atuação do psicólogo em grupos terapêuticos*. Maceió, 2012.

Atualmente a violência se apresenta como um fenômeno que atinge pessoas de todas as raças, sexos, condições socioeconômicas em diferentes formas, acarretando diversas consequências. A violência dominante dos dias atuais, é a 'criminal' e a 'delinquencial', que nunca obtiveram tolerância social, já que este fere a moral fundamental de todas as culturas e, o Brasil desde sua colonização sofrendo histórico de violência articulada a sua forma de desenvolvimento, vem sendo retratado e evidenciado vários tipos de violências.¹²

A violência doméstica pode ser dividida em:

- Violência física: quando uma pessoa, que tem poder em relação a outra, causa ou tenta causar dano, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode causar lesões internas, externas ou ambas.
- Violência sexual: é toda ação na qual uma pessoa em condição de poder, obriga alguém a realizar o ato sexual contra sua vontade. A mesma acontece em diversas situações como: estupro, sexo forçado no casamento, abuso sexual infantil, incestuoso e assédio sexual.
- Violência psicológica: é toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento do sujeito. Inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro.¹³

A violência praticada dentro de casa agride a autoimagem e a autoestima de seus integrantes a partir do desrespeito, essa inclui outros membros do convívio domiciliar, não necessariamente membro da família.

¹² MINAYO, M.C. de S. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro, 2006.

¹³ BRASIL. *Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8).

A violência doméstica é interpretada como toda a espécie de violência que engloba membros que habitam no mesmo espaço doméstico, não necessariamente com função parental, mas inclui pessoas que frequentam ocasionalmente este espaço. A violência intrafamiliar faz referência a qualquer conduta ou omissão que afete a segurança, saúde física, psicológica ou a autonomia e a garantia ao total progresso de outro membro da família, envolvendo pessoas que mesmo sem vínculo de parentesco atuam com a função parental.¹⁴

A violência ocorre muitas vezes em situações onde o sujeito fica encontra-se mais vulnerável, a vulnerabilidade social pode ser compreendida pela exclusão e exposição dos indivíduos a situação de risco.

A vulnerabilidade social tem relação com a estrutura da sociedade, de direitos e acessos desiguais. Ele ressalta ainda que este termo geralmente é empregado pelos movimentos sociais e de direitos humanos, o que pode significar que os termos vulnerabilidade e exclusão são usados para falar de indivíduos e de grupos que enfrentam dificuldades na sociedade, como a falta de acesso a serviços sociais ou à saúde, à escola, à justiça.¹⁵

Com a colonização portuguesa e a ausência de sintonia cultural, moral e espiritual com os indígenas, a ocorrência da miscigenação acarreta na segregação e crueldade que persiste na nossa sociedade após 500 anos.¹⁶ E, com a parte social pertencente das minorias, se aglomeravam nas periferias, essa realidade persiste até hoje. Com a discriminação pela outra parte social, acabam os mais vulneráveis sendo o alimento da cadeia alimentar, onde é comum não ter educação concluída e trabalhar de 'bicos' (nome dados para trabalhos não formais e temporários), são estes parte da maior parcela dos aprisionados hoje no sistema prisional brasileiro.

No campo da criminologia, apesar de representar uma percentagem inferior à dos homens, tomando por base as estatísticas internacionais do crime, a mulher é vista pelos estudiosos da área sob duas vertentes em termos

¹⁴ NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. *Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas*. Psico, v. 37, n. 1, 2006.

¹⁵ ADORNO, R. de C. F. *Os jovens e sua vulnerabilidade social*. 1. ed. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

¹⁶ MINAYO, M.C. de S. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro, 2006.

de tendência delinquencial. A primeira, denominada psico-orgânica, sugere que sua constituição psíquica e orgânica determina condutas consideradas “anormais” dentro de sociedades específicas, mas visando um equilíbrio de sua agressividade, entra no mundo da prostituição como fuga dessas tendências. A segunda explicação, por sua vez, fala de uma influência exógena. Ou seja, vivendo numa sociedade que a coloca, na maioria das vezes, em uma condição de submissão ao pai, marido ou companheiro, indiretamente a protegia e mantinha distante das condições que contribuiriam para a criminalidade masculina. Mas, o ganho em independência, que possibilitou o acesso a melhores condições de vida e levou as mulheres a ocupar cargos e posições que, no passado, lhe eram vetadas, desencadeou igualmente maior capacidade de manifestar agressividade, até mesmo na forma de como iria cometer os crimes.¹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do estágio referente à Ênfase AI de práticas sociais e institucionais no Sistema Prisional, realizado com as mulheres privadas de liberdade e direitos civis que fora realizado no período de março a julho de 2019, foi muito rica em vivências e aprendizagens. Através dele foi possível se aproximar das políticas públicas de assistencialismo, ampliar a compreensão acerca do trabalho do psicólogo em instituições penitenciárias, além de entendimentos sobre a realidade destes sujeitos.

Até o presente momento, o projeto está sendo bem aceito, visto que em cada encontro, as mulheres trazem suas queixas referentes à situação da instituição, suas consultas e agendamentos de exames e angústias referentes à família. Estas, após serem anotadas, são repassadas à diretoria do presídio ou ao médico responsável, para que seja dado o devido encaminhamento.

A psicóloga concedeu o espaço necessário não só para nossa inserção nesta, como, também, para que o trabalho do psicólogo tivesse seu lugar reconhecido dentro do serviço ofertado. A boa sincronia da psicóloga com as

¹⁷ FRANÇA, M. H. de O. *Vigiadas e Punidas: como vivem as mulheres criminosas?*. Paraíba, 2011.

estagiárias no âmbito profissional e o respeito e valorização à equipe multiprofissional foram essenciais para que o estágio se realizasse da maneira equilibrada com que se deu. Ela (psicóloga) nos concedeu momentos de conversa para saneamento de dúvidas e/ou apontamentos referentes à nossa metodologia e o que poderia ser melhorado, além de propiciar um ambiente confortável para que pudéssemos pedir ajuda em nossas questões de bloqueio.

Quanto aos desafios, sentimos que com o apoio da psicóloga, foi possível reduzi-los, tornando a prática mais sucinta e de possível enfoque adequado. Esperamos que o grupo permaneça coeso para que possamos dar continuidade ao trabalho de modo que não prejudique a prática, bem como, seja possível tornar o olhar mais perspicaz quanto às necessidades do local, para que sejam pensados novos tipos de intervenções, tornando o entendimento teórico-prático mais alastrado e consolidando uma boa formação acadêmica e profissional.

REFERÊNCIAS

ADORNO, R. de C. F. *Os jovens e sua vulnerabilidade social*. 1. ed. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

AFONSO, M.L.M. *Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial*. 2. ed. São Paulo, 2007.

BRASIL. *Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Caderno de Atenção Básica, 8)

CUNHA, E. L. *Ressocialização: o desafio da educação no sistema prisional feminino*. Campinas, 2010.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; SILVA, C. M. *Caracterização dos casos de violência doméstica contra a mulher atendidos em dois hospitais públicos do Rio de Janeiro*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(1):129-137, jan-mar, 2000.

INFOPEM, *Levantamento nacional de informações penitenciárias – 2ª Edição / organização, Thandara Santos; colaboração, Marlene Inês da Rosa...[et al.]*, - Brasília: Ministério da justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

FERRARI, R. *O Empoderamento da Mulher*. Disponível em: <http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento>.

- FRANÇA, M. H. de O. *Vigiadas e Punidas: como vivem as mulheres criminosas?*. Paraíba, 2011.
- FREUD, S. *Psicologia de grupo e a análise do ego, 1921*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MINAYO, M. C. de S. *A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde*. Cadernos de Saúde Pública, 20, 3, 646-647. 2004.
- MINAYO, M.C. de S. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro, 2006.
- MOLITERNO, I.M. *et al. A atuação do psicólogo em grupos terapêuticos*. Maceió, 2012.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. *Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas*. Psico, v. 37, n. 1, 2006.
- NEGRELLI, A. M. *Suicídio no sistema carcerário: análise a partir do perfil biopsicossocial do preso nas instituições prisionais do Rio Grande do Sul*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, 2006.
- OLIVEIRA, L. V. *et al. Vivência da maternidade para presidiárias*. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2015 abr./jun.;17(2):360-9. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v17i2.29784>> acesso em 18/06/2019.
- OSÓRIO, L. C. *Psicologia Grupal: uma nova disciplina para o advento de uma era*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PIBER, L. D. *et al. Projeto: Violência e Vulnerabilidade*. Santo Ângelo. 2014.
- RAMOS, M. E.; OLTRAMARI, L. C. *Atividade reflexiva com mulheres que sofreram violência doméstica*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 30, n. 2, p. 418-427, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200015&lng=pt&nrm=iso> acesso em 06 maio 2019.
- SANTA RITA, R. P. *Mães e Crianças Atrás das Grades: em questão o princípio da dignidade da pessoa humana*. Dissertação (Mestrado), Brasília, 2006.
- VASSALO, C. *O futuro mora aqui*. Exame. São Paulo, v. 35, n.4, 734, p. 36-54, fev. 2004.